



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9304 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT12 - Currículo

AS CINECONVERSAS COMO ESPAÇOSTEMPOS DE TESSITURA DE CURRÍCULOS:
QUESTÕES MIGRATÓRIAS EM REDES EDUCATIVAS ACERCA DO FILME HUMAN
FLOW

Maria do Carmo de Moraes Mata Rodrigues - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do
Rio de Janeiro

Fernanda Cavalcanti de Mello - SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Rebeca Silva Brandão Rosa - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: Faperj

***AS CINECONVERSAS COMO ESPAÇOSTEMPOS DE TESSITURA DE
CURRÍCULOS: QUESTÕES MIGRATÓRIAS EM REDES EDUCATIVAS ACERCA
DO FILME HUMAN FLOW***

Resumo - O presente texto aborda a metodologia das “cineconversas” para ‘*verouvirsentirpensar*’ o filme Human Flow com ênfase nas questões migratórias que atravessam os cotidianos de nossa sociedade. Com Deleuze, Guatari, Certeau, Alves, Oliveira e outros autores, navegamos por pensamentos que nos ajudam a compreender os ‘*espaçostempos*’ praticados e imaginados por nós seres-humanos que sempre migramos. E com eles buscamos rotas de fuga para criar currículos que contemplem ‘*conhecimentossignificações*’ desses mundos culturais diversos.

Palavras chave: Cotidianos; Cineconversas; Currículo; Cinema; Migração.

Navegando por “cineconversas”

Os deslocamentos de pessoas, por diversos motivos quase sempre alheios à vontade das populações que se vêem impelidas a deixar para trás seus ‘*espaçostempos*’ [1] em busca de novas oportunidades de vida, criam a necessidade de que relações diversas sejam tecidas entre os migrantes/refugiados e a população local. São muitas as questões envolvidas nesses entrelaçamentos, passando pela língua, pela cultura, pela compreensão de novas realidades, enfim por incontáveis fios.

É urgente e necessário tecer redes de variados tipos em torno das questões dos movimentos migratórios. Essas redes podem contribuir para minimizar a xenofobia que assola migrantes/refugiados pelo mundo. As nossas trajetórias nos marcam e é através delas que tecemos nossas redes de ‘*conhecimentossignificações*’, estabelecendo ‘conversas’, porque “a oralidade está em toda parte, porque a conversação se insinua em todo lugar; ela organiza a família e a rua, o trabalho na empresa e a pesquisa nos laboratórios” (CERTEAU; GIARD,

2017:337). Por meio das ‘conversas’, que se dão a partir de situações vividas, de filmes a que assistimos, de leituras diversas, criamos condições propícias para que estudantes e professores, e nós também, como pesquisadores, tomemos conhecimento da realidade, de cada processo vivido por nossos semelhantes, podendo, assim, aumentar o número de pessoas que compreendam esse processo traumático, pensem e trabalhem em prol de uma sociedade mais igualitária.

Buscamos perceber, questionar e criar processos com docentes e discentes acerca da temática da migração e o sentido de alteridade através de “cineconversas”. Ressaltamos nesses ‘*espaçotempos*’ as “táticas” (CERTEAU, 1994) que os ‘*praticantespensantes*’ (OLIVEIRA, 2012) se dispuseram a criar para superar as adversidades encontradas, como por exemplo, as conhecidas rotas de fuga de muitos migrantes, a adaptação aos costumes do país de acolhida, a rica troca de conhecimentos entre todos os envolvidos, pois, como nos inspira Oliveira (2012), a riqueza das pesquisas com os cotidianos está justamente em captar as artes de fazer dos ‘*praticantespensantes*’ – não só os das escolas – mas a dos tantos cotidianos, nos tantos ‘*dentrofora*’ das escolas.

Através de conversas com as obras de Deleuze e Guatarri (1992), Alves, Andrade e Caldas (2019) criaram o movimento “criar nossos personagens conceituais” compreendendo que:

foi possível, pouco a pouco, termos esta compreensão que dentro de uma pesquisa com os cotidianos, nos é necessário criar nossos intercessores – os personagens conceituais – o que difere completamente de outras propostas de pesquisa que pretende encontrar “fontes” com as quais possam “encontrar verdades”. Os “personagens conceituais” que criamos e com os quais ‘conversamos’ nos servem para compreender aquilo que pesquisamos e para nos fazer pensar (ALVES, ANDRADE, CALDAS, 2019:12).

Considerar as “cineconversas” como uma metodologia de pesquisa permite uma intensa troca de experiências ‘*nosdoscom*’ os cotidianos, entre todos os envolvidos. São através das conversas ali tecidas que surgem as narrativas dos ‘*praticantespensantes*’ nas pesquisas. Dessa forma, apresentamos um filme, como nosso personagem conceitual, que nos permite ‘*pensarcriarversentirouvir*’ as questões migratórias.

“Human flow: não existe lar se não há para onde ir”



Imagem 1: abertura do filme com um barco no mar mediterrâneo

Fonte: “Human flow”

Filme de 2017, direção de Ai Weiwei, acompanha, ao longo de um ano, situações de migrantes/refugiados pelos mais diversos motivos em 23 países. Ele apresenta a condição cruel na qual a grande maioria das pessoas se encontra. Privados de perspectivas de vida, sem moradia, sem alimentação, sem o acesso à saúde, educação, sem a possibilidade de cultivar seus credos, sem a condição de pertencimento a uma nação. No documentário, os migrantes/refugiados caminham, de forma inexorável, sem orientação e sem destino em busca simplesmente de sobreviver.



Imagem 2: campo de refugiados no Iraque

Fonte: Human flow

Para Manguel (2001), as imagens, assim como as histórias, nos informam. Segundo ele, o filósofo Aristóteles sugeriu que todo processo de pensamento requereria imagens, dizendo:

Ora, no que concerne à alma pensante, as imagens tomam o lugar das percepções diretas; e, quando a alma afirma ou nega que essas imagens são boas ou más, ela igualmente as evita ou as persegue. Portanto a alma nunca pensa sem uma imagem mental (MANGUEL, 2001: 21).

Através das imagens de destruição da guerra da Síria, dos barcos naufragando no Mediterrâneo, dos campos de refugiados, das pessoas caminhando sem destino, fugindo dos horrores da fome, do medo de morrer, passamos a ter conhecimento de algo que não está próximo ao nosso cotidiano. O próprio filme apresenta diversas imagens reais localizadas em todos os continentes do planeta. E diante desse cenário, como não questionar: “por que muitos governantes no mundo estão inertes a essa violação dos direitos humanos?”; “por que não se leva em consideração as consequências desse processo na sociedade?”; “como é possível aceitar crianças em sofrimento extremo?”; “o que pode custar vidas de inocentes a partir de conflitos religiosos e políticos?”.

Novamente, Manguel (2001) nos ajuda a pensar em que circunstâncias as imagens são produzidas e consumidas:

Quando lemos imagens de qualquer tipo, sejam pintadas, esculpidas, fotografadas, edificadas ou encenadas, atribuímos a elas o caráter temporal da narrativa. É como se ampliássemos o que é limitado por meio da arte de narrar histórias conferindo a imagem imutável uma vida infinita (MANGUEL, 2001: 27).



Imagem 3: cidade Síria devastada pela guerra

Fonte: Human flow

Pensar que a imagem se torna uma potência para elucidar as barbáries ocorridas contra migrantes/refugiados é um caminho de sensibilização para a causa. É terrível. Provoca sentimentos de compaixão, indignação e sofrimento. E, ele, Manguel (2001), afirma que só podemos ver aquilo que, em algum feitio ou forma, nós já vimos antes. Ou seja, só podemos ver aquilo que já possuímos alguma imagem que pertence às nossas redes de ‘*conhecimentossignificações*’. Se a opressão da guerra não ocorre conosco, como sentir o que ocorre com as outras pessoas se não há nenhum registro ou imagem do ocorrido em nossas vivências?

A potência da imagem muitas vezes nos sensibiliza. Ela é um caminho no qual

podemos “tocar” as redes educativas em que docentes e discentes estão mergulhados e trabalhar com os ‘*conhecimentossignificações*’ que cada imagem nos traz.

Através de uma exposição em uma instituição católica que se intitula “A igreja que sofre”, pude ter contato com desenhos de crianças sírias realizados em escolas. São eles:

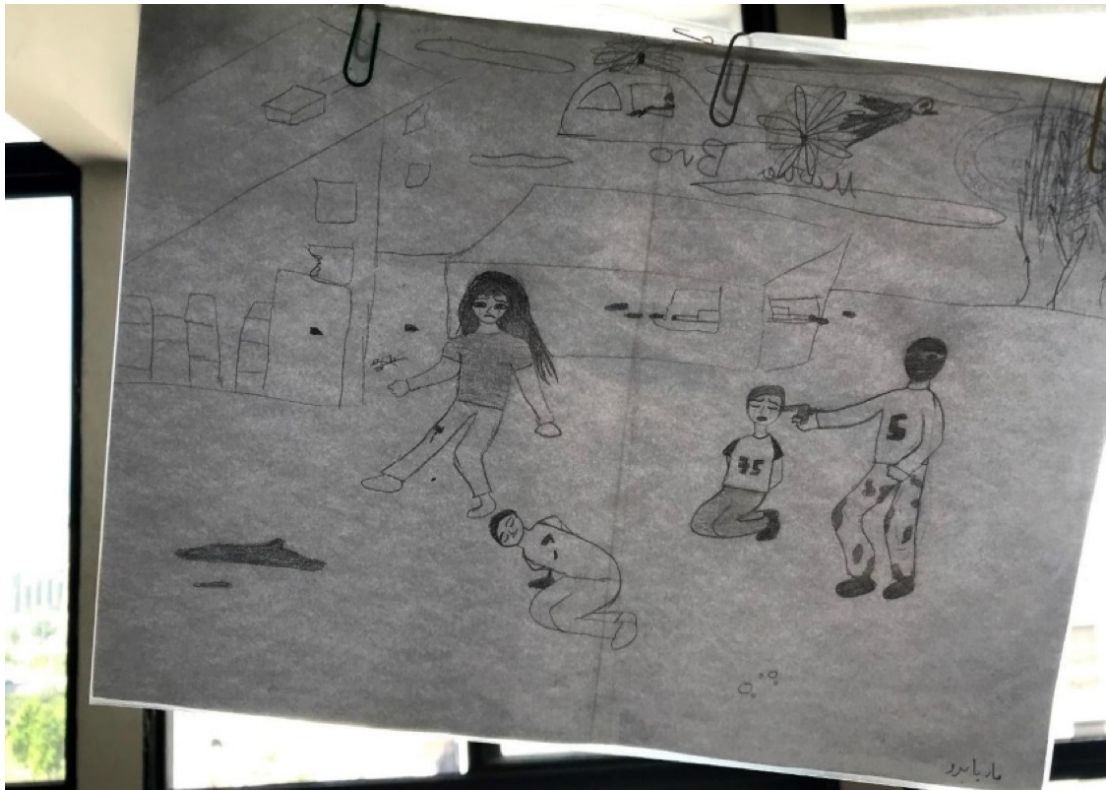


Imagem 4– Desenho infantil 1

Fonte: arquivo pessoal

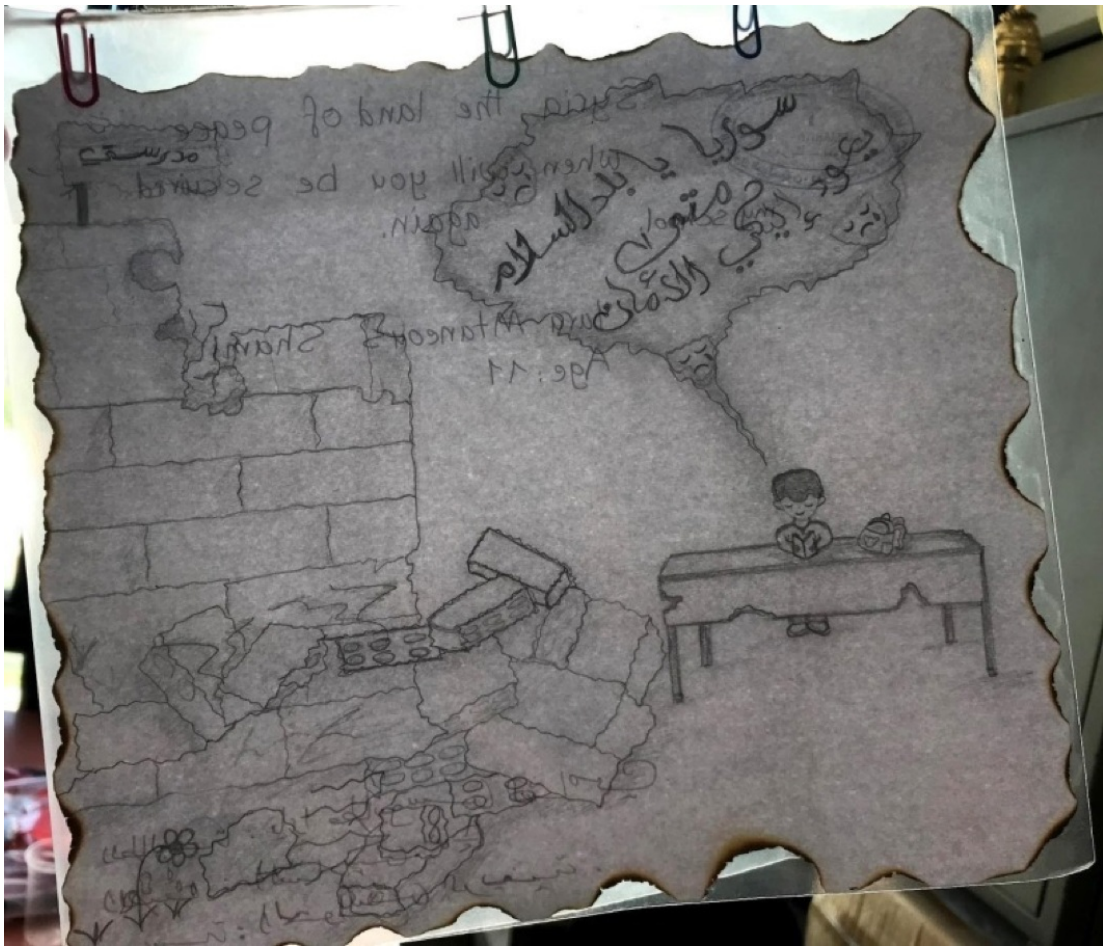


Imagem 5: desenho infantil 2

Fonte: arquivo pessoal

Os desenhos provocam diversos sentimentos em quem os vê, desde compaixão à revolta: por que essas crianças passam por isso? Por que tão cedo têm contato com uma realidade agressiva, inóspita? E esse último é de uma criança lendo um livro e a parede sendo destruída, como um acontecimento cotidiano. Como pode uma criança se acostumar a viver nessa situação bárbara?

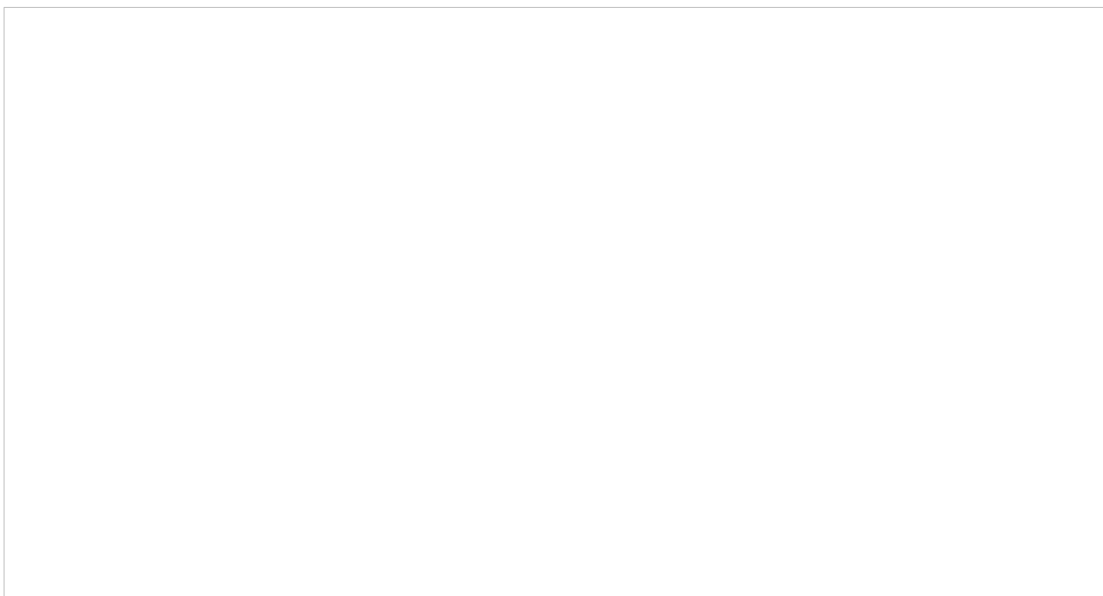


Imagem 6: famílias com muitas crianças em rota de caminhada a um destino incerto

Fonte: Human flow

Se uma criança não tem perspectivas de futuro, se não tem noção do que é uma vida dentro da normalidade com a família, frequentando a escola, dentro de um lar, com diversão, se muitas não sabem o que são capazes de fazer em suas próprias vidas, elas poderão se tornar alvo de diversos tipos de exploração, principalmente de radicais fundamentalistas.

A violação do direito humano à educação para crianças e jovens nesse contexto migratório, pode ocasionar traumas, lacunas educacionais, baixa estima etc. É necessário que nossas redes educativas se envolvam, com vivências e narrativas de seus próprios estudantes, evidenciando suas experiências de vida com o intuito de emergir as questões migratórias, fomentando os impactos que esse processo move.

A trajetória de migrantes/refugiados pode integrar-se ao currículo por meio da exibição de filmes de ficção, documentários, pequenos vídeos para fomentar o debate acerca do caminhar contínuo em busca de um lugar de paz. Há muita literatura e outras formas pedagógicas que também contribuem para essa abordagem. Importante ressaltar que a condição dos refugiados é de fuga por questões políticas, de guerra, religiosas, fome, doenças e outras.

A comunicação pode ser imagética, porém, também pode nos informar, formar e deformar. É importante estar atento as intenções que estão por traz de cada imagem, bem como que, a criação que eu faço, vai ao encontro daquilo que temos em nossas vivências.

As redes educativas na tessitura de “*conhecimentossignificações*”

Acreditamos ser importante estabelecer conversas com estudantes problematizando questões como: quais seriam as principais dificuldades dos alunos migrantes? Como eles se sentem? O que esperam da escola? De que forma a escola pode intervir para minimizar os efeitos negativos desse processo? E de que forma a atuação da escola pode ser positiva para a vida dos migrantes? Quais são as fronteiras para além das delimitações de espaços geográficos e políticos? Nas redes educativas, criamos fronteiras? De que forma? Por quê?

Como afirmado anteriormente, essa opção teórico-metodológica-epistemológica pelas pesquisas com os cotidianos, compreende que os ‘*espaçostempos*’ são tecidos através das ‘conversas’. É nessa relação que as trocas de ‘*fazeressaberes*’ ocorrem nos cotidianos.

Para mergulhar nas pesquisas com os cotidianos, aprofundamos com Alves, Andrade e Caldas (2019) algumas posturas, sendo instigadas a realizar movimentos, tais como “o sentimento de mundo” que nos conchama a não olhar o outro com preconceito e sim de modo a entendê-lo em sua condição de migrante. Devemos entender da seguinte forma:

que ao tratarmos dos cotidianos estamos trabalhando com “lugares ditos difíceis” nos quais se expressa “a humilde razão” dos seres humanos em suas vivências diárias, com suas “tantas formas de pequenas misérias”. ... nos ‘*espaçostempos*’ cotidianos, nas tantas redes educativas, seus ‘*praticantespensantes*’ criam ‘*conhecimentossignificações*’ necessários ao seu viver. Por fim, a afirmativa de que para pesquisar com os cotidianos, seus pesquisadores e pesquisadoras precisam muito mais do que afirmar o olhar – sentido hegemônico, desde a Modernidade. É preciso compreender que nossos muitos sentidos são convocados sempre nas relações das pesquisadoras e pesquisadores com os cotidianos, com os ‘*praticantespensantes*’ desses tão diferentes e múltiplos ‘*espaçostempos*’.

Desse modo, os processos de pesquisa nessa corrente exigem olhar, mas também ouvir, tocar, cheirar, degustar tudo aquilo que aparecer em nossos caminhos. (ALVES, ANDRADE, CALDAS, 2019: 5)

Dessa forma, as pesquisas com os cotidianos nos exigem estar abertos e dispostos a compreender o que se apresenta em nossas pesquisas, sempre interrogando, analisando com todos os nossos sentidos.

Todo esse movimento nos aguça a compreender a trajetória de migrantes/refugiados com muita intensidade, com todos os sentidos voltados para a alteridade. Alves (2008) nos diz que quando narramos alguma coisa, situação ou visão de mundo de outra pessoa, nunca narramos a “coisa por si só” ou o “outro” apenas. Narramos o que nós mesmos conseguimos ‘*verouvirsentir*’. Narramos mergulhados nas nossas próprias redes de ‘*conhecimentossignificações*’. Narramos em conversas com os personagens conceituais que elegemos nas pesquisas e esses personagens são múltiplos: textos, filmes, pessoas...

Enfim, nossas redes educativas podem e devem ser ‘*espaçostempos*’ de tessituras de acolhimento, mas sobretudo de trocas, porque aquele que chega, traz consigo muitos conhecimentos, experiências, táticas e mundos culturais a serem partilhados.

Referências

ALVES, Nilda. Decifrando o Pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (Orgs.). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas – sobre redes de saberes*. Petrópolis: DP et Alii, 2008:p 10 – p 32.

ALVES, Nilda; ANDRADE, Nívea; CALDAS, Alessandra Nunes. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos. In OLIVEIRA, Inês Barbosa de; SUSSUKIND, Maria Luiza; PEIXOTO, Leonardo (orgs). *Estudos do cotidiano, currículo e formação docente questões metodológicas, políticas e epistemológicas*. Curitiba: CRV, 2019: p 1 - 22.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano 1. artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 9ª Ed., 2017:p 337.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Personagens conceituais. In DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992: p 156.

MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. Tradução de Rubens Figueiredo, Rosaura Eichenberg, Cláudia Strauch. – São Paulo: Companhia das Letras, 2001:p 21- p 27.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Currículos e pesquisas com os cotidianos: o caráter emancipatório dos currículos ‘pensadospraticados’ pelos ‘praticantespensantes’ dos cotidianos das escolas. In: Carlos Eduardo Ferraço e Janete Magalhães Carvalho (Org.). *Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades*. Petrópolis: DP et Alli, 2012:p 37.

Filme citado

HUMAN FLOW – NÃO EXISTE LAR SE HÁ PARA ONDE IR. Direção: Ai Wei Wei.
Com Ai Wei Wei, Boris Cheshirkov, Hiba Abed e mais. Alemanha: 2017. Disponível em: site oficial <https://www.humanflow.com/> Acesso em: 08 jun 2021.

[1] Este modo de escrever estes termos juntos, em itálico e com aspas simples – tais como os termos ‘*espaçostempos*’ ‘*aprenderensinar*’, ‘*prátcateoria*’, ‘*docentesdiscentes*’, entre outros – é utilizado em pesquisas *nos/dos/com* os cotidianos e serve para nos indicar que, embora o modo dicotomizado de criar conhecimento na sociedade Moderna teve sua significação e importância, esse modo tem significado limites ao desenvolvimento de pesquisas nessa corrente de pensamento.